

**ALBERTO IRIA**

Bibliotecário - Arquivista da Assembléa Nacional — Do Instituto Português de Arqueologia  
História e Etnografia e da Associação dos Arqueólogos Portugueses



**As relíquias de Remesido evocadoras do valoroso e nobre  
defensor da realeza de D. Miguel I no Algarve**

(Nótula Histórico-Iconográfica) ————— LISBOA - 1945

Dr. F. de S. L. de Sousa  
Dr. J. de S. L. de Sousa  
M. de S. L. de Sousa  
M. de S. L. de Sousa  
M. de S. L. de Sousa

Ao Ex.ºmo Senhor Dr. António Luis Gomes benemérito  
Director Geral da Fazenda Pública, a quem a valorização  
sistemática do Património Nacional já tanto deve.

A FIGURA histórica de José Joaquim de Sousa Reis Remechido, denegrida injustamente por alguns, mercê da cega paixão política, e muito mal compreendida por outros, em virtude do desconhecimento dos verdadeiros factos e intrigas partidárias, que se moveram nos bastidores da guerra civil no Algarve, de 1833 a 1838, tem hoje direito incontestável à veneração e ao respeito que são devidos a um grande cabo de guerra, de character íntegro e impoluto, por muito que isto pese aos fazedores de... fantasias histórico-literárias.

Assim o pensamos desde os bancos do Liceu, quando um dia lemos — e já lá vão quasi vinte anos — a sua agitada e empolgante biografia (¹).

E foi por isso que, como bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, nos propusemos fazer uma revisão histórica à vida do notável Caudilho Algarbiense da Legitimidade de El-Rei D. Miguel, intenso fulcro de uma epopeia militar vivida nas serranias do sul de Portugal, epopeia que, embora lamentavelmente fraticida, não deixou de ser ateadada e fomentada pelo estrangeiro numa época em que o Povo, integrado na Nação, vibrou, impotente, pelo seu verdadeiro soberano.

E' que REMECHIDO, ao contrário do que se tem escrito, não foi de modo algum aquêlê temível *Homem da Serra*, criado pela falsa tradição do seu tempo e geralmente referida desde os finais do século passado, nem tão pouco o *façanhudo* e *salteador* guerrilheiro que muitos têm procurado pintar, como qualquer bandido ou chefe de quadrilha, à semelhança de um famigerado José Azeite ou de outros quejandos, êste último, até, tristemente celebrado na história do crime, no Algarve do século XVIII...

(¹) Cf. *Biografia de Remechido o celebre Guerrelheiro do Algarve*, 2.ª edição (Tavira 1892) e *Biografia de Remechido*, (Lx.ª 1838). A bibliografia sobre Remechido é já algo extensa, e não foi nosso propósito apresentá-la aqui, mas tão somente indicar o que lêramos, quando ainda estudante do Liceu.



Fig. 1



Fig. 2

Não! REMECHIDO foi, como civil e como militar, uma pessoa inteligente, dotada de uma alma boa e generosa, — e não de *temperamento ferino*, como já se escreveu, infelizmente, — cuja conduta nos revela, sob quaisquer aspectos por que a encaremos, desde a adolescência até o momento de morrer, com dignidade e grandeza, ao serviço dos seus ideais mais sublimes: Deus, Pátria e Rei, uma nobreza de sentimentos pouco comum à maioria dos mortais, posta à prova na mais dura luta que se pode imaginar <sup>(2)</sup>.

Mas deixemos os seus biógrafos em paz e apresentemos desde já ao leitor,

algumas das veneráveis relíquias de REMECHIDO, agora trazidas, pela primeira vez, a público, graças à extrema deferência e favor de um nosso querido Amigo e antigo companheiro do Liceu de João de Deus, em Faro, as quais são, pròpriamente, o assunto desta simples nótula.

Devemo-las à generosa aquiescência do seu possuidor, João Remechido Mendes, um dos descendentes directos de uma neta do valoroso guerrilheiro, a Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Maria Emília Remechido Mendes, felizmente ainda viva, ao qual expressamos aqui os nossos melhores agradecimentos, bem como ao nosso presado colega e Amigo Francisco Cabrita Matias, pela maçada que ambos tiveram em atender tão prontamente o nosso pedido e permitir, assim, trazer à publicidade o precioso espólio que passamos a enumerar.

A Fig. 1 representa «um colete de setim branco, bordado a verde-oliveira, — descreve-nos o nosso Amigo João Remechido Mendes

(2) Entre os trabalhos que, como bolsheiro, no País, do Instituto para a Alta Cultura, deveremos apresentar êste ano (1945), conta-se o nosso de há muito anunciado estudo sobre **A Realeza de D. Miguel no Algarve**.

— com leves pintas vermelhas a «ouro metal», que se conserva ainda «tal qual como foi despido pela última vez, sujo de suor».

A Fig. 2 revela-nos um «Cinto-porta moedas de pelica branca, bordado a lã vermelha e verde claro», com abotoaduras de «metal amarelo» e em «forma de um capacete de guerra».

Estas duas peças são, como se vê, de uma encantadora beleza artística, trabalhadas, certamente, por habilidosas mãos femininas do Algarve, quem sabe, até, se pela própria esposa de REMECHIDO, vítima, também, dos ódios políticos de tão triste época em que ambos viveram.

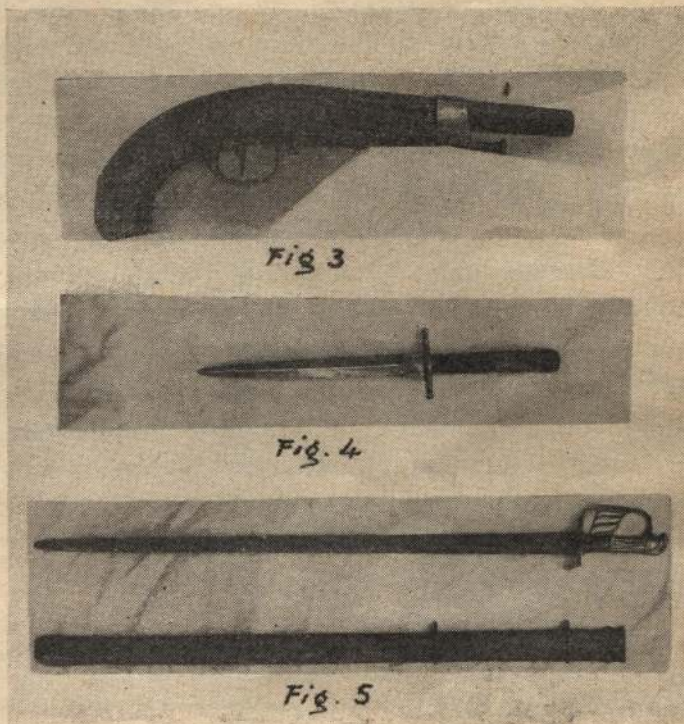
Êsse colête e êsse cinto evocam, porventura, os dias calmos e serenos em que o honrado guerrilheiro, longe ainda das heróicas pugnas que havia de sustentar, aparecia com as melhores vestes domingueiras ou festivas.

Mas, a Fig. 3 mostra-nos um «revolver de atacar pela bôca», já inutilizado pelo vertiginoso correr dos anos, mesmo «muito mutilado», com «os metais amarelo e ferro» e com inscrição irreconhecível, no lado esquerdo».

Por sua vez, a Fig. 4 apresenta-nos um «Punhal polido, cuja lâmina brilhante contrasta com «o cabo de chifre prêto, em muito bom estado de conservação», de que «não há a certeza de haver pertencido ao REMECHIDO».

E, finalmente, a Fig. 5 mostra-nos a «espada polida, de copo de metal amarelo —trabalhado —um pouco mutilado na base», com a respectiva bainha, ainda em bom estado de conservação.

Estes objectos bélicos, de pouco ou nenhum valor artístico, evocam, porém, a figura marcial de REMECHIDO, como um dos bravos soldados do Exército de D. Miguel, depois convertido pelas flutuações da luta em guerrilheiro, sempre pronto a castigar exemplarmente os desmandos e os excessos naturais dos que o acompanharam, numa guerra sem quartel, até o trágico momento de ser aprisionado,



Estas armas, testemunhas coevas e mudas daquela epopeia militar, evocam bem o valor pessoal, a argúcia e perspicácia do seu possuidor, que tinha, incontestavelmente, o Povo do Algarve a seu lado, facto explicativo desta frase pronunciada no Palácio das Côrtes, em 1837, por Júdice Samora, Deputado pelo Algarve:

«Sr. Presidente eu não posso conceber como 7.500 homens que desembarcaram no Mindello, tivessem a corajosa habilidade de aniquillar oitenta e tantos mil homens, que defendiam a usurpação; e como 2.800 homens collocados em dous Districtos Administrativos não possa anniquillar uma Guerrilha que só tem cento, e tantos».

Mas, apesar disso, REMECHIDO cáiu, finalmente, varado pelas balas de um pelotão executor, em Faro, a 2 de Agosto de 1838, depois de um julgamento onde, *em vez de Juizes, só encontrou algozes...*, trágico fim que os mais exaltados políticos de D. Maria II não souberam evitar, embora a soberana tivesse usado, à última hora, de tódã a clemência e justiça, ao perdoar-lhe a pena capital.

Mas deixemos, para breve, estes largos contos...

## DO AUTOR:

«Do Algarve ao Brasil no caíque de pesca «Bom Sucesso» em 1808.» Lx.º 1936.

«Breve notícia da expansão e esforço colonizador dos pescadores olhanenses no Sul de Angola.» Lx.º 1938.

«Cartas do governador e capitão mór do Algarve, Henrique Correia da Silva.» Coimbra 1940.

«O Algarve sob o Domínio dos Filipes (1580-1640),» «O Algarve na Restauração» e «O Algarve ao Serviço da Côrte do Rio de Janeiro» (Memórias apresentadas ao Congresso do Mundo Português em 1940).

«A invasão de Junot no Algarve.» Lx.º 1941.

«Os Arquivos Municipais do Algarve e a Restauração.» Lx.º 1942.

«A colonização algarvia no sul de Angola.» Lagos 1942.

«Uma fábrica de cortumes dos finais do século XVIII em Vila Real de Santo António» (Memória apresentada ao Congresso do Progresso das Ciências realizado no Pôrto). 1942.

---

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO AUTOR

---

α/683